

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado do Paraná Class.: Xetá 08

Data: 05/08/94 Pg.: _____

Última Xetá vive em Douradina

Tiguá já teve chance de voltar para a aldeia, mas preferiu ficar na cidade

Osmar Nunes

Douradina (Sucursal Umua-rama) - Morando numa casa popular e trabalhando de cozinheira num restaurante, está vivendo em Douradina (Noroeste) a segunda e última remanescente da tribo Xetás. Ela deixou a floresta em 1955 com o nome de Tiguá, como é conhecida na cidade até agora, mas passou a se chamar Maria Rosa Brasil e tem cerca de 45 anos de idade. Restam apenas outros seis sobreviventes que se casaram com brancos, mestiços, ou índios de outras tribos.

Os Xetás foram descobertos na região de Serra dos Dourados perto do Rio Ivaí, no início da década de 50, quando se iniciou a colonização da região. De lá para cá a nação que já era pequena foi reduzida a apenas sete. Seis deles foram identificados e apresentados num encontro que aconteceu no início de maio último em Guaruva. Apenas Tiguá não fez parte da lista.

A dona do restaurante, Carolina Alves de Freitas, que adotou Tiguá aos cerca de 5 anos de idade, contou a reportagem de O Estado, como foi o primeiro contato



Os Xetás se familiarizaram fácil com a família que adotou Tiguá

com os índios e por que eles se familiarizaram com o povo branco. Dona Carolina recorda que nem acreditava na presença dos índios nesta região, quando em 1955 depois de fortes geadas um grupo de homens nus chegou desarmado na casa do sítio. Seu marido Antonio Lustosa de Freitas (falecido) chegou a temer um ataque dos índios, mas foi acalmado pela mulher. Os índios logo se

manifestaram fazendo gestos e pedindo alimento, pois as geadas destruíram frutas, que serviam de sustento.

Aos poucos eles foram se aproximando mais e depois de um mês trouxeram cerca de 20 mulheres. Muitos foram levados por expedições para outras regiões, outros morreram doentes e vários deles foram exterminados. Dona Carolina revela que num

dos contatos que manteve com os índios pediu para um índio, uma menina de mais ou menos cinco anos de idade, que sempre andava só pela floresta, pois não conseguia acompanhar os adultos. Foi logo atendida no pedido, pois já era colega dos outros integrantes da tribo e então levou para casa a pequena Tiguá. Ela foi domesticada e com bastante obediência se tornou uma filha adotiva do casal.



A índia domina as panelas e faz uma comida aprovada pelos clientes do restaurante

Até hoje ela é querida e mantida pela família de brancos.

Satisfeita

Tiguá comenta em meio as panelas que está gostando da vida que leva em Douradina e ao tomar conhecimento da vida que levava em meio as matas prefere a vida na cidade. Tanto que foi convidada recentemente pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para se juntar a outros índios que vivem em aldeias e ela preferiu ficar em Douradina mesmo. "Não quero outra vida", diz ela acrescentando que já ganhou uma casinha, tem móveis e todo conforto que precisa. Ela mora só com a fi-

lha de 10 anos, mas já teve outra criança Tania que foi adotada por um casal do Mato Grosso do Sul.

Outros sobreviventes

Os outros sobreviventes dos Xetás são: Coen Xetá e Tucanambá José Paraná que moram na reserva indígena do Rio das Cobras, Ticoen Xetá que mora em Guaruva e outro índio com o mesmo nome Ticoen Xetá (José Luciano da Silva) mora em São Jerônimo da Serra, Rondon Xetá e Haan Xetá que tem cerca de 45 anos mora na reserva de Marrecas dos Índios e ao lado de Tiguá é a última mulher da tribo que está em extinção.